

[ORGANIZADORES] CLÁUDIO ANTÔNIO CARDOSO LEITE  
GUILHERME VILELA RIBEIRO DE CARVALHO  
MAURICIO JOSÉ SILVA CUNHA

# COSMOVISÃO CRISTÃ E TRANSFORMAÇÃO

ESPIRITUALIDADE, RAZÃO E ORDEM SOCIAL



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

COSMOVISÃO CRISTÃ E TRANSFORMAÇÃO  
Categoria: Apologética/Ministério Cristão/Liderança

---

Copyright © 2006, Cláudio Antônio Cardoso Leite,  
Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho e  
Maurício José Silva Cunha  
Todos os direitos reservados

*Primeira edição:* Julho de 2006  
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Revisão:* Délnia Bastos  
*Capa:* Panorâmica Com&Mkt

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
EDITORA ULTIMATO LTDA.  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557  
E-mail: [ultimato@ultimato.com.br](mailto:ultimato@ultimato.com.br)  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

C834  
2006      Cosmovisão cristã e transformação / Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho,  
[organizador] — Viçosa, MG : Ultimato, 2006.  
304p. : il. ; 23cm.  
ISBN 85-86539-93-7

1. Apologética. 2. Pensamento religioso 3. Filosofia cristã. I. Carvalho,  
Guilherme Vilela Ribeiro de.

CDD 22.ed. 239

---

AOS IRMÃOS de toda a igreja brasileira,  
na esperança de que, unidos em Cristo,  
faremos parte de uma nação transformada  
por ele e para ele.

## AGRADECIMENTOS

AO NOSSO DEUS, pela oportunidade de sermos usados por ele em sua obra.

Ao Gerhard, por acreditar e apoiar este trabalho.

A todos os que se reuniram no *Laggus*, em Curitiba, no inverno de 2005.

E a todos os irmãos que contribuíram direta ou indiretamente com o propósito deste livro, até mesmo nos influenciando com seus trabalhos e, em alguns casos, com suas próprias vidas.

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	11
Robinson Cavalcanti	
<b>INTRODUÇÃO</b>	15
Cláudio Antônio Cardoso Leite, Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho e Mauricio José Silva Cunha	
<b>1. EVANGÉLICOS OU <i>EVANGELICOS</i>? A IGREJA BRASILEIRA ENTRE OS EXEMPLOS DO PASSADO E O DILEMA DO PRESENTE</b>	19
Cláudio Antônio Cardoso Leite e Fernando Antônio Cardoso Leite	
<b>2. COSMOVISÃO: EVOLUÇÃO DO CONCEITO E APLICAÇÃO CRISTÃ</b>	39
Rodolfo Amorim Carlos de Souza	
<b>3. COSMOVISÃO CRISTÃ E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL</b>	57
Mauricio José Silva Cunha	
<b>4. ABRAHAM KUYPER: UM MODELO DE TRANSFORMAÇÃO INTEGRAL</b>	81
Nilson Moutinho dos Santos	
<b>5. O DUALISMO NATUREZA/GRAÇA E A INFLUÊNCIA DO HUMANISMO SECULAR NO PENSAMENTO SOCIAL CRISTÃO</b>	123
Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho	
<b>6. DA POSSIBILIDADE DE UMA ÉTICA CRISTÃ, E DA IMPOSSIBILIDADE DE QUALQUER OUTRA ÉTICA</b>	175
Marcel Lins Camargo	

7. SOCIEDADE, JUSTIÇA E POLÍTICA NA FILOSOFIA DE COSMOVISÃO CRISTÃ: UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO SOCIAL DE HERMAN DOOYEWEERD Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho	189
8. NICHOLAS WOLTERSTORFF E A ÉTICA SOCIAL DO CALVINISMO HOLANDÊS Luiz Roberto França de Mattos	219
9. A TEOLOGIA POLÍTICA DA MISSÃO INTEGRAL NO BRASIL E A FILOSOFIA SOCIAL REFORMACIONAL: APROXIMAÇÕES Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho	237
10. EPÍLOGO Mauricio José Silva Cunha	277
BIBLIOGRAFIA	279
NOTAS	285

## PREFÁCIO

PODE-SE CONHECER A quantas anda um povo pelo que ele canta e pelo que lê. Esses dois indicadores não nos animam na presente quadra do protestantismo brasileiro: o canto congregacional é cada vez mais superficial e intimista, pobre em conteúdo e em choque com o vernáculo, e as nossas livrarias evangélicas se expandem em número pelo país afora, com as estantes repletas de rasa e má teologia, frustrando os leitores sérios em busca de algo sólido para alimentar o espírito. Por isso, temos é que nos alegrar diante da publicação de obras do quilate de *Cosmovisão Cristã e Transformação*. Este livro é fruto da pesquisa de vários estudiosos, reunidos para compartilhar o que poderíamos chamar de “calvinismo social”, ou a “face social” do calvinismo, uma rica herança do pensamento reformado, ainda insuficientemente disseminado, conhecido e adotado no Brasil.

A recuperação de uma cosmovisão reformada se torna mais urgente – com sua visão integrada, abrangente e sistemática – em uma pós-modernidade marcada pela fragmentação e pelo individualismo, pela ausência de mitos fundacionais e meta narrativas, pela pobreza do pensar, do compreender e do empreender, que infelicita as gentes e facilita a sua manipulação pelo mundo do capital e pelo capital religioso. A cosmovisão esboçada nestas páginas tem raízes

bíblicas, densidade reformada, aplicabilidade necessária e relevância atual. Deveria o seu conhecimento fazer parte do currículo dos nossos seminários. Somos desafiados a compreender a nossa interação com o pensamento secular, o lugar da ética, bem como as implicações do pensar cristão para a construção de modelos de organização social. Vale lembrar o destaque dado aqui a uma figura exemplar de pensador cristão engajado: o ex-primeiro ministro holandês Abraham Kuyper, praticamente desconhecido entre nós.

Diante de um monopólio geopolítico e do oligopólio geoeconômico, com a idéia única neoliberal, na presente ordem imperial globalizada, de história fechada, é dever cristão pensar e mudar a realidade, reabrir a história e devolver a esperança, a partir da Providência e da visão de uma escatologia, mas também do que e do como de nossa inserção na história.

Se este livro trabalha com conceitos gerais e construções históricas, também contribui para a compreensão do evangelicalismo brasileiro, resgatando exemplos do passado que nos possibilitem enfrentar os dilemas do presente. Apresenta um excelente resgate do que tem sido a caminhada da corrente de pensamento engajado chamada Teologia da Missão Integral da Igreja – no caso brasileiro –, suas raízes, sua evolução, seus pressupostos, seus objetivos e seus atores, além de ressaltar que todos os que a fazem têm um pé no calvinismo social. Como um dos expoentes desse pensamento, vejo a importância de aprender como nos vêem e como essa análise pode contribuir para o futuro da nossa peregrinação, cheia de sonhos, mas também de limitações internas e de obstáculos externos.

O censo nacional indica o crescimento do número de evangélicos e o crescimento (e não a redução) dos nossos problemas sociais e morais. Os jornais estampam manchetes de escândalos envolvendo conhecidos líderes políticos oriundos do segmento protestante. Algo está errado. Onde está o “sal da terra e luz do mundo”? O que nos falta não seria justamente uma cosmovisão reformada, um conteúdo ético e uma proposta reformadora de inserção social, exposta nas páginas a seguir? Estou plenamente convencido que sim.



Algo tem de ser feito com urgência para que o “crescimento” evangélico brasileiro não se transforme em um imenso fiasco, ou, o que é pior, em uma tragédia. *Cosmovisão Cristã e Transformação* vem na hora certa. Vale a pena não somente a sua leitura e difusão, mas uma meditação, a partir do seu conteúdo, sobre como emprestar ao conjunto da comunidade cristã reformada brasileira, em seu caótico divisionismo e mais caótico estado interior, a plataforma para um novo tempo.

Recife, junho de 2006.

DOM ROBINSON CAVALCANTI

*Bispo Anglicano*

# INTRODUÇÃO

CLÁUDIO ANTÔNIO CARDOSO LEITE  
GUILHERME VILELA RIBEIRO DE CARVALHO  
MAURICIO JOSÉ SILVA CUNHA

ESTE LIVRO É FRUTO do Primeiro Encontro de Cosmovisão Bíblica e Transformação Integral, que aconteceu em Curitiba, Paraná, em julho de 2005. Outro resultado desse Encontro foi a Rede Brasileira de Cosmovisão Cristã e Transformação Integral, uma aliança de pessoas, congregações e organizações cristãs, unidas com o propósito de trocar experiências em prol do estabelecimento de uma cosmovisão genuinamente cristã em nossa nação, de forma que a igreja seja realmente um agente ativo de transformação e influência em todas as áreas da vida brasileira, marcando assim a nossa história.

A intenção imediata deste livro é iniciar o lançamento de bases sólidas e orientações informadas para a Rede. Mais do que isso, no entanto, desejamos fazer uma contribuição positiva para a reflexão do povo evangélico e abençoar a igreja brasileira. Os textos aqui reunidos giram em torno do tema da *transformação integral*, que não é em si mesmo uma novidade. A diferença é que nosso exame do tema se insere no interior de uma tradição intelectual específica, que costumeiramente é designada pelo nome um tanto geral de “filosofia de cosmovisão cristã”.

Neste livro, procuramos apresentar o conceito de cosmovisão cristã, bem como a sua aplicação aos problemas apresentados pela realidade concreta da vida humana e do nosso país. Assim, este material quer estabelecer um arcabouço sólido e preparar um terreno fértil para orientar nossas ações a favor da implantação do reino de Deus nesta terra.

No primeiro capítulo, Fernando e Cláudio Leite desenvolvem uma discussão sobre o dilema da irrelevância dos evangélicos na sociedade brasileira, a partir de uma comparação com dois grandes exemplos de ação transformadora da igreja cristã no mundo: o cristianismo primitivo e a Reforma protestante.

Logo após, numa reflexão mais voltada para o campo teórico, Rodolfo Souza faz uma explanação histórica e conceitual do termo cosmovisão, e discorre sobre sua importância e aplicação cristã.

Trabalhando a partir de sua experiência ministerial com o desenvolvimento comunitário, e da observação de comunidades carentes, Maurício Cunha compartilha sua compreensão da pobreza, destacando os princípios da resposta cristã para o problema, e pontuando as dificuldades no que diz respeito ao contexto social latino-americano.

No quarto capítulo, Nilson Moutinho, diferentemente dos precedentes, traz uma discussão histórica, apresentando a biografia de Abraham Kuyper como um verdadeiro exemplo de como ser um agente de transformação integral.

O quinto capítulo, de Guilherme Carvalho, nos oferece uma interlocução com diferentes campos do saber, como a teologia, a filosofia, o pensamento sociopolítico e cultural. A partir das idéias do filósofo cristão holandês Herman Dooyeweerd, ele oferece uma crítica à influência secular na relação entre o evangelho e a cultura, destacando seus resultados na práxis social da igreja.

Marcel Camargo discorre sobre a possibilidade de uma ética cristã, considerando principalmente os desafios da época contemporânea, e os fundamentos da cosmovisão genuinamente cristã.

Guilherme Carvalho retorna à cena, apresentando-nos, no sétimo capítulo, uma introdução à filosofia social e política de Herman Dooyeweerd, como uma proposta significativa para a ação cristã no Brasil.

Segue-se então um texto do saudoso Dr. Luiz Roberto de Mattos, originalmente publicado na revista *Fides Reformata* (vol. VI, n. 1, jan./jul. 2001, p. 19-34), que apresenta uma obra seminal do Dr. Nicholas Wolterstorff, sobre as implicações sociais do pensamento cristão reformado.

Finalmente, Guilherme Carvalho apresenta uma resenha da reflexão política da missão integral no Brasil e procura construir pontes entre essa reflexão e a filosofia social e política do movimento de cosmovisão cristã.

O leitor perceberá, ao longo da coletânea, que os autores estão comprometidos com uma compreensão calvinística da teologia e da filosofia. Nesse ponto, algum esclarecimento é necessário. Nenhum de nós participa de denominações cuja confissão seja explicitamente calvinista; alguns de nós somos cristãos carismáticos (o que, para muitos, não é exatamente uma virtude), e não é interesse da Rede Brasileira de Cosmovisão Cristã e Transformação Integral impor sobre seus parceiros determinada forma de organização eclesial, ou de sistema litúrgico, ou uma confissão de fé específica.

Nosso compromisso é, antes, com o que denominamos “cosmovisão calvinística”, que é uma determinada forma de conceber a relação entre Deus e o cosmo, a criação, o homem, a queda e a redenção. Na verdade (o leitor compreenderá isso durante a leitura), a própria idéia de que o cristianismo seja um sistema total de vida e pensamento – a declaração central da Rede – é uma contribuição singular do calvinismo a toda a igreja cristã, e até o arminiano mais estrito deveria reconhecer este mérito. Assim, pedimos ao leitor que, na medida do possível, ponha de lado seus preconceitos e nos dê a honra de ocupar um pouco a sua atenção.

Não é nossa pretensão trazer nenhuma novidade que não seja o evangelho. O movimento de cosmovisão cristã não tem a pretensão

de trazer “novas revelações”, nem de produzir a “nova reforma”, mas simplesmente a de viver o reino de Deus na forma mais ampla possível. Acreditamos que a antiga verdade, vivida pela igreja primitiva e recuperada na Reforma protestante, é o caminho para a igreja *hoje e sempre*. Com este espírito, esperamos em Deus que esta coletânea de textos venha a ser uma contribuição útil à igreja brasileira, no cumprimento da missão integral.

1.

---

EVANGÉLICOS OU *EVANGÉLICOS*?  
A IGREJA BRASILEIRA  
ENTRE OS EXEMPLOS DO PASSADO  
E O DILEMA DO PRESENTE

CLÁUDIO ANTÔNIO CARDOSO LEITE  
FERNANDO ANTÔNIO CARDOSO LEITE

CRISTIANISMO EVANGÉLICO: ESSENCIAL OU PERIFÉRICO?

NÓS, EVANGÉLICOS, tipicamente somos pessoas que acreditamos na singularidade de Cristo, na autoridade das Escrituras e na necessidade de conversão. Além disso, acreditamos que a ação da igreja cristã no mundo é o principal veículo da manifestação do reino de Deus, e que essa ação tem seu eixo orientador no anúncio da verdade do evangelho. Nós, evangélicos, caracteristicamente nos vemos como instrumentos privilegiados na manifestação da obra de Deus entre os homens – e mal somos capazes de imaginar que tal papel possa ser

perdido. No ambiente pluralista e secularizado em que vivemos hoje, essa é uma condição desconfortável, para dizer o mínimo!

Mas, além de instrumentos de Deus, somos *objeto de estudo acadêmico* bastante interessante, embora nem sempre simpático. A pesquisa na área da cultura e dos fenômenos religiosos na sociedade contemporânea é um campo fascinante, e um dos temas preferidos nessas investigações tem sido o avanço evangélico no país. Essas pesquisas não podem ser ignoradas por nós, evangélicos, se queremos entender como o mundo tem determinado o nosso modo de viver, e também como a nossa fé pode transformar o mundo.

Uma multiplicidade de movimentos de cunho espiritual emergiu neste início de milênio.<sup>1</sup> Surgiram novas e diversas seitas esotéricas, místicas e mágicas,<sup>2</sup> bem como denominações neopentecostais e movimentos de avivamento no interior das igrejas tradicionais, como a renovação pentecostal nas denominações clássicas do protestantismo e o movimento dos carismáticos na Igreja Católica Romana.<sup>3</sup> Além disso, todos esses fenômenos religiosos atingiram a grande mídia, sendo caracterizados por um apelo fortemente emocional, veiculando imagens de uma significativa transformação de vida e de satisfação individual imediata. Como salienta Antoniazzi,

A emoção é procurada em primeiro lugar. [...] Esta afanosa busca de experiências de salvação, libertação, felicidade revela que a sociedade contemporânea gera muita incerteza e insegurança. Uma sociedade – como a atual – [...], cheia de apelos e seduções que incentivam o consumo (gerando insatisfação mais do que saciá-la), não pode deixar de produzir, também no campo religioso, uma procura de respostas práticas, utilitárias, imediatas.<sup>4</sup>

Qualquer evangélico, minimamente informado, perceberá que as transformações recentes que o meio evangélico tem vivenciado guardam paralelos intrigantes com os caminhos da sociedade contemporânea, como um todo. Levanta-se, então, a suspeita: quanto, do que somos, é aquilo que devemos ser, aquilo que o evangelho ensina, e quanto do que somos é meramente uma resposta ao ambiente social e religioso? Todo cristão sincero faz essa pergunta para si mesmo, em

algum momento – mesmo que, no princípio, a esconda em algum canto remoto da memória. Afinal, o Espírito que nos move em nossos cultos emocionantes e cheios de sons é também o Espírito da verdade.

Vamos encarar o problema, então. Seria essa a nossa finalidade? Prover à sociedade moderna uma forma hedonista de religião, centrada na experiência prazerosa do divino? Apresentar ao homem contemporâneo o “deus dos seus sonhos”, um alívio de fim de semana, *customizado* e com garantia de devolução?<sup>25</sup> Em meio a toda essa movimentação religiosa, não temos nada de singular e essencial a oferecer, do ponto de vista da relevância histórica?

Essa pergunta nos leva aos nossos conceitos sobre a natureza do evangelho e da missão da igreja. Nós “crentes”, tipicamente aceitamos que o reino de Deus por fim encherá toda a terra, e que isso se fará de um modo sobrenatural. Por isso damos toda a ênfase à pregação do evangelho, à oração e à evangelização. Quanto ao restante da vida – a arte, a universidade, a política etc. – “bem, não precisamos nos envolver diretamente com essas coisas. Afinal, a fé diz respeito às coisas ‘espirituais’, a nossa luta é ‘espiritual’ e o reino de Deus é ‘espiritual’.” Quem já não ouviu algo parecido?

Essa compreensão do evangelho, no entanto, é extremamente deficitária. Ela não faz justiça à visão bíblica da *criação*, como algo bom; nem à visão bíblica da *unidade do homem*, que exige que toda a sua vida seja expressão de seu relacionamento com Deus. Não faz justiça ao ensino bíblico sobre o *mandato cultural*, que nos foi dado muito antes que a Grande Comissão. Ela reconhece os efeitos do pecado em todas as áreas da vida, mas parece ignorar o *alcance cósmico da redenção*. Ela desiste de fazer tudo para a glória de Deus (1 Co 10.31) e se contenta com cânticos de louvor. Em vez de procurar a renovação da mente (Rm 12.2), para amar a Deus também com o entendimento (Mt 22.37-38), conforma-se com o mundo – o mundo da televisão ou, para os mais sofisticados, o mundo da última moda filosófica. Essa compreensão deficitária do evangelho não dá respostas relevantes para os desafios do mundo contemporâneo



e é capaz de conviver pacificamente com as maiores injustiças. Ela não ajuda o incrédulo a ver por que, afinal de contas, o cristianismo é singular em meio a toda essa efervescência religiosa.

Não é ruim estar à margem. Jesus sempre viveu à margem do império. Mas a sua pregação não era marginal; era nada menos que a vinda do reino de Deus. Se somos marginais porque não estamos nos centros de poder da sociedade moderna, então está bem. Mas se somos marginais porque nossa mensagem não é fundamental, e não atinge o homem essencialmente, então tudo está errado. Se a nossa forma de espiritualidade é periférica, porque se adapta ao hedonismo moderno, sem ferir o coração da sociedade moderna, então já estamos caídos.

O evangelho diz respeito a nada menos que *todas as coisas* (Cl 1.16-20), e a missão da igreja diz respeito a nada menos que *todas as coisas*. Buscar o reino de Deus em primeiro lugar nos garante o acréscimo de todas as coisas, porque todas elas são importantes (Mt 6.33). Sendo assim, a missão da igreja não pode ser somente a de salvar almas ou de transformar vidas individuais; deve ser muito mais abrangente do que isso.

O reino de Deus, que é revelado na pessoa de Jesus Cristo, deve se manifestar em cada aspecto da vida de um “cidadão” do reino. Na vida devocional, na comunhão, no trabalho, no mercado público, na escola, na universidade, no lazer, na família.<sup>6</sup>

Ou, como ensinou Abraham Kuyper, um dos “pais” do movimento de cosmovisão cristã,

Onde quer que o homem esteja, seja o que for que faça, ou no que aplique sua mão, na agricultura, no comércio, na indústria, ou sua mente, no mundo da arte, e ciência, ele está, seja onde for, constantemente diante da face de Deus, está empregado no serviço de Deus, deve obedecer estritamente a seu Deus e acima de tudo, deve ter como alvo a glória de Deus.<sup>7</sup>

Ou seja, o cristão deve ser alguém com uma mentalidade diferente, cuja postura diante da vida difere, em toda a sua extensão, daquele que não tem a mente de Cristo. Se não for assim, então o cristianismo

não será algo realmente fundamental. Mas, na verdade, *é assim*. Quando essa verdade foi crida e vivida pela igreja, a história mudou; quando é crida e vivida por um cristão, a sua história muda. E quando a igreja se esquece disso, degenera-se em um exercício místico impotente. É precisamente ali, naqueles momentos em que a igreja se encontrou com a história, que precisamos voltar para aprender. Entre os inúmeros exemplos dignos de referência, vamos destacar os dois mais importantes, que são as “duas fontes” mais importantes do evangelicalismo: a igreja primitiva e a Reforma Protestante.

### O CRISTIANISMO PRIMITIVO

Dr. Rodney Stark, sociólogo e professor de religião comparada, publicou, em 1996, uma obra que imediatamente se tornou um clássico: *The Rise of Christianity: A Sociologist Reconsiders History*. Segundo ele, o cristianismo deixou de ser apenas um ínfimo movimento religioso para se tornar, em poucos séculos, a religião dominante da civilização ocidental, em razão de seu profundo impacto sociocultural. No seu livro, entre as várias proposições importantes, está a de como a igreja pôde crescer de um homem para doze apóstolos, daí para milhares de pessoas durante a época dos Atos dos Apóstolos, e então para aproximadamente seis milhões de fiéis antes do ano 300, pouco antes do Édito de Milão. Ou seja, como um movimento messiânico minúsculo e sem grandes expressões pôde, de uma extremidade do Império Romano, desalojar o paganismo clássico e se tornar a fé dominante de todo o Império? Logo após esta edição do livro, uma outra foi lançada de modo a destacar justamente esta interrogação: *The Rise of Christianity: How to obscure, Marginal Jesus Movement Became the Dominant Religious Force*.

Stark faz uso de um refinado instrumental sociológico, usando, em sua análise, variáveis referentes à dinâmica comercial bem como demográfica da época, e descobre evidências da forte atratividade que a fé cristã exerceu sobre as massas. Os milhares de conversões através dos primeiros séculos do cristianismo estariam diretamente

relacionadas à atitude moral dos cristãos para com a família, o casamento e sua sinceridade perante a vida como um todo. Mas, além do crescimento numérico, a expansão no cristianismo primitivo trouxe transformações sociais significativas.

Segundo Stark, no ano de 165, no reinado de Marco Aurélio, uma grande epidemia golpeou o Império, dizimando um terço da população no decorrer de 15 anos, inclusive provocando a morte do próprio imperador. Posteriormente, em 251, uma epidemia semelhante, provavelmente de sarampo, trouxe resultados semelhantes. Ora, conforme os historiadores, essas epidemias se contam entre as causas principais do despovoamento do Império e, segundo Stark, também foram relevantes para o crescimento do cristianismo. Em primeiro lugar, porque o cristianismo suportava satisfatoriamente o fato de que “coisas ruins acontecem também com pessoas boas”, tendo uma explicação subjetivamente muito mais eficaz do que qualquer uma do paganismo clássico; afinal, o próprio Cristo sofrera demasiadamente, tendo morte de cruz, apesar de ser inocente.

Adicionalmente, os valores cristãos de amor ao próximo, compaixão e misericórdia, como base do serviço social e da solidariedade na comunidade cristã, capacitaram os cristãos a lidarem com aquelas tragédias. Portanto, quando golpeados, foram eles os que melhor puderam contender com tais circunstâncias, o que trouxe como resultado substantivas taxas de sobrevivência. Com isso, depois das epidemias, o percentual de cristãos sobreviventes foi maior do que o da população pagã, mesmo sem o acréscimo de novos convertidos. O fato tornou evidente, frente à relativa inabilidade dos pagãos, a maior capacidade dos cristãos de confrontarem tais dificuldades, tanto social como espiritualmente, tornando o cristianismo extremamente atrativo.

Em terceiro lugar, a fé cristã proporcionava um lugar seguro não só em relação às epidemias, mas também em relação às mazelas sociais das cidades. Valendo-se de uma análise demográfica, Stark observa que o cristianismo era um fenômeno primordialmente urbano, por uma razão muito simples: era nesse ambiente que as pessoas se

encontravam, notadamente os primeiros cristãos convertidos, os judeus helênicos e, finalmente, os primeiros missionários. Focalizando como exemplo a cidade de Antioquia, Stark pontua como era terrível a situação social nas cidades e como os cristãos se destacaram nesse contexto. Segundo ele, Antioquia era cheia de miséria, perigo, medo, desespero e ódio. Geralmente uma família comum vivia em uma situação imunda, até mesmo por três meses seguidos. O fluxo constante de estranhos acirrava o temor e intensificava o antagonismo étnico, culminando no florescimento significativo da criminalidade. Um habitante de Antioquia poderia admitir como expectativa usual a possibilidade de ficar literalmente sem um lar para viver.

Em resposta a isso, os cristãos geraram uma nova cultura, capaz de tornar a vida nas cidades greco-romanas muito mais tolerável para as pessoas em geral. Nas cidades com grande número de pessoas sem lar e empobrecidas, o cristianismo ofereceu tanto caridade como esperança. Nas cidades com muitos recém-chegados e estranhos, o cristianismo ofereceu uma base imediata para agregados. Nas cidades com alto índice de órfãos e viúvas, ele proveu um novo conceito e um ampliado senso de família. Nas cidades tomadas por violentas desavenças étnicas, ele ofereceu uma nova base de solidariedade social. E, finalmente, nas cidades atacadas por fortes epidemias, incêndios e terremotos, o cristianismo ofereceu significativos serviços de socorro baseados nos seus elevados valores de compaixão e misericórdia. Em vez de fugirem das *pragas*, como os pagãos, era para elas que os cristãos corriam.

Mas o cristianismo não era uma fé só de massas de escravos e desafortunados. Stark verificou também que ele alcançou grande penetração no que chamaríamos de classes média e alta, modificando significativamente a sua atitude para com a riqueza. Com efeito, tornou-se notória a generosidade desses cristãos abastados, que não apenas contribuíram com destaque para a constituição de uma rede de bem-estar social e de alívio para o ancião, o viúvo e o órfão, mas também para o estabelecimento de cemitérios cristãos

e, posteriormente, de casas de adoração que, antes do Édito de Milão, eram localizadas nas casas de família dessas classes sociais.

Por fim, não podemos nos esquecer do que Stark destaca no quinto capítulo do seu livro, a respeito do papel da mulher na expansão do cristianismo primitivo. Conforme esse autor, a visão cristã sobre a mulher trouxe muitas mudanças na cultura e sociedade da época, atraindo as mulheres pagãs à nova fé. O reconhecimento das mulheres e crianças como iguais aos homens, com o mesmo destino espiritual diante de Deus, teve um substancial impacto. Elas se libertaram de seu estado de meras servas impotentes e escravas dos homens, para serem reconhecidas como seres humanos dignos, com papéis e particularidades importantes, tanto diante da igreja como do Estado. O código moral cristão contribuiu para o bem-estar de mulheres e crianças, por meio das proibições concernentes ao infanticídio, à poligamia, ao divórcio, ao controle de natalidade e ao aborto, entre outras. O infanticídio e o aborto, em especial, eram práticas comuns que resultavam em um grande número de mortes de meninas e de mães, mas que receberam severa condenação e perda de popularidade, até se tornarem ilegais.

## A REFORMA PROTESTANTE

O outro grande exemplo histórico da transformação proporcionada pela igreja é o da *Reforma Protestante*, iniciada no século 16. A atitude dos evangélicos para com a Reforma costuma ser bastante ambígua. Nos círculos teológicos, por exemplo, há quem defenda os reformadores incondicionalmente e há quem gostaria de esquecê-los! Ninguém menos do que Francis Schaeffer<sup>8</sup> admitiu, sem meias palavras, que a Reforma não foi um período áureo da história da igreja e que muitas de suas ações não foram coerentes com os ensinamentos bíblicos, apesar dos reformadores se empenharem para usar a Bíblia não apenas como base para assuntos religiosos, mas também para a vida. Aqueles, familiarizados com a história, estarão de acordo com essa opinião.

Mas o próprio Schaeffer era um herdeiro moderno dos reformadores. E o presente está vendo uma injustificável negligência com a teologia da Reforma. Há estudantes de seminário que desenvolvem antipatias por Lutero ou Calvino sem nem mesmo terem lido uma única linha sua. Uma das razões disso, no Brasil, é a busca desenfreada por “relevância” e por “contextualização”, mesmo quando não sabemos mais o quê, afinal, estamos contextualizando!

Contra a ignorância, não há outra cura senão o conhecimento. E no que se refere à Reforma, a nossa maior necessidade é de reler a história, avançando do estudo escolástico da sua teologia para o impacto cultural positivo dos reformadores. E há muito que dizer a respeito, no tocante à educação, à arte, à economia, aos direitos individuais e a cada campo da vida humana. Agora, no entanto, vamos nos concentrar em apenas três campos: a ordem social e política, o conceito de vocação e a pesquisa científica.

### **A Reforma e a ordem social**

O colapso do Império Romano introduziu um tremendo vácuo de poder que foi ocupado pela Igreja Católica por séculos. A ocupação desse espaço teve importância fundamental para a transmissão do legado clássico à modernidade, de modo que os méritos da igreja medieval precisam receber o devido reconhecimento. O longo convívio com o poder temporal fomentou, no entanto, a confusão entre o poder do reino de Deus e o poder político. E a vitória do papado apenas aprofundou essa confusão. De modo que, ao tempo da Reforma, a igreja operava não apenas como uma das instituições que exploravam o pobre, mas também e, talvez, principalmente, como a fonte última da legitimação dos interesses da classe dominante.

A Reforma coincidiu com a emergência do absolutismo, entre os séculos 16 a 18. O absolutismo apresentava-se com uma noção de monarquia hereditária na qual, via igreja Católica, o monarca recebia o poder temporal absoluto.<sup>9</sup> Esse sistema contribuiu para que a igreja se sustentasse na ponta da hierarquia governamental,

garantindo o seu direito a grandes extensões de terra e à condução das relações humanas. O absolutismo tinha como característica a divisão social entre igreja, reis, nobres, burgueses (que por acúmulo de riquezas podiam se tornar nobres) e servos. Estes últimos – a maioria – vivam em total miséria e servidão, justificada pela igreja como uma determinação social imposta por Deus desde o nascimento. Eles deveriam se submeter aos nobres, que, por sua vez, justificavam sua posição pela bênção divina.

Os instrumentos religiosos de legitimação do domínio e da exploração eram diversos. O *sistema de indulgências* é o exemplo mais conhecido. Para alcançar o perdão de pecados, livrando a si mesmo e a seus antepassados e parentes do purgatório, o fiel podia comprar atestados da igreja, obtendo acesso ao “tesouro de méritos” dos santos no céu; e os recursos obtidos por tais meios recebiam usos pouco “espirituais”. O *monopólio das Escrituras* pela igreja é outro exemplo. A Bíblia era lida e copiada em latim, e pouca gente tinha acesso a ela; além disso, a sua correta interpretação era prerrogativa do magistério. Esse estado de coisas dava pouquíssimo espaço para a educação, para a liberdade de pensamento e de consciência, e para qualquer debate sobre a estrutura social.

Esse foi o contexto religioso e político no qual a Reforma irrompeu, abalando as estruturas da sociedade medieval e impulsionando um movimento poderoso de luta por reforma política e justiça social. Começando com uma série de movimentos pré-reformistas e com homens como John Huss e Wycliff, ela logo se tornaria uma corrente irresistível de transformações espirituais e culturais.

E essa corrente começa a se tornar irresistível com o monge agostiniano Martinho Lutero. Segundo ele, a graça salvadora de Deus é concedida como um favor que não depende do mérito humano. A condição suficiente para a aquisição deste favor é uma fé plenamente passiva na justiça de Deus. Desse modo, Lutero atacou o poder da igreja em jurisdicionar a vida das pessoas, tanto no âmbito espiritual, pois todos teriam direito à salvação, quanto no social, uma vez que elas não precisariam mais se submeter à instituição eclesiástica, se

esta desprezasse a autoridade da Bíblia.<sup>10</sup> Repeliu toda e qualquer pretensão eclesiástica de exercer seu poder em assuntos temporais, a partir da crença de que o poder do Estado seria uma estrutura divinamente instituída e distinta da igreja. Dessa forma, Lutero criou um vazio de poder que poderia ser preenchido pelas autoridades seculares:

[...] Lutero leva sua análise do poder dos príncipes a dividir-se em duas direções. [...] o príncipe tem o dever de utilizar segundo a fé religiosa os poderes que Deus lhe concedeu, acima de tudo, para “dar ordens no rumo da verdade”. O príncipe “deve dedicar-se realmente a seus súditos. Não apenas em sua obrigação de estimular e defender a verdadeira religião junto a eles, mas também protegê-los e conservá-los em paz e abundância”, e tomar por si as necessidades dos súditos, lidando com elas como se fossem suas próprias necessidades.<sup>11</sup>

Lutero subtraiu o poder da igreja sobre o povo, introduzindo uma esfera de poder temporal autônoma. Ainda que protegendo a autoridade dos magistrados e reis, chegou inclusive a reconhecer o direito do povo, por meio dos magistrados inferiores, e questionar a autoridade civil, quando esta agisse de forma inadequada, contrária à justiça. Iniciou assim a destruição da pirâmide hierárquica de poder, sustentada pela Igreja Católica desde o século 15:

Lutero deixa claro que nenhum respeito ou obediência se deve a tais governantes indignos, sempre que tentam envolver seus súditos em suas práticas ímpias e escandalosas. Se um governante arranca a máscara que o identifica como lugar-tenente de Deus e ordena a seus súditos agirem de forma má e ímpia, ele jamais deve ser obedecido. O súdito deve seguir sua consciência, ainda que isso implique em desobedecer ao príncipe. Esse ponto se expressa sob forma de um catecismo, ao término do tratado sobre a autoridade temporal: “E se um príncipe agir erradamente? Está seu povo obrigado a segui-lo também nesse caso?” A resposta é: “Não, porque ninguém tem o dever de agir erradamente”. Lutero (...) trata toda pretensão a um poder absoluto como equívoco e uma perversão da autoridade por Deus conferida aos príncipes (...) Para confirmar



essa convicção sua, há uma passagem no livro de Atos dos Apóstolos que, sem dar margem a nenhuma dúvida, requer que “devemos obedecer a Deus (que deseja o direito) mais do que aos homens”.<sup>12</sup>

Essas idéias políticas foram transformadas e aguçadas por teólogos calvinistas e encontraram sua primeira expressão genuinamente revolucionária no puritanismo inglês. Os puritanos rejeitaram toda a ideologia religiosa-hierárquica, que dava aos reis e aos nobres, aos bispos e ao papa, o direito de subjugar a população de forma autoritária, absolutista e infalível. Com base na autoridade divina das Escrituras, adquiriram fundamentos para pregar a descentralização do poder, que o absolutismo concentrava nas mãos do rei, em todos os níveis possíveis: cada homem, cada igreja, cada região. Com o puritanismo, surgiu na Europa o que Michael Walzer descreveu como o “revolucionário disciplinado”, dedicado à reforma política e à luta pela justiça. Também surgiu um pensamento político revolucionário cujas repercussões se fizeram ouvir no interior da teoria política moderna, até mesmo na Revolução Francesa.<sup>13</sup>

Nicholas Wolterstorff descreveu a forma calvinista de religião como tendo caráter *formativo*, em oposição ao cristianismo medieval, que seria predominantemente *avertivo*, isto é, voltado para o mundo celestial. O puritanismo era formativo porque nele o interesse religioso se voltava para a realização de tarefas terrenas e para a reforma social.<sup>14</sup> Segundo ele, mais do que o luteranismo, o calvinismo incorporou o caráter formativo da religião bíblica e dirigiu-o contra a igreja e contra o Estado, rejeitando, simultaneamente, a separação luterana entre a fé e a política, a confusão católica entre igreja e Estado, e a negação anabatista da legitimidade do poder temporal. Surgiu assim, no clímax da Reforma, uma forma de cristianismo profundamente intramundana e dedicada à aplicação da Palavra de Deus a todas as áreas da vida. Wolterstorff resume sua tese:

Eu tenho sugerido que a emergência do calvinismo original representou *uma alteração fundamental na sensibilidade cristã*, a partir da visão e da prática de abandonar o mundo social, em busca de uma

união mais próxima com Deus, para a visão e a prática de trabalhar pela reforma do mundo social, em obediência a Deus.<sup>15</sup>

A ênfase luterana na *liberdade de consciência* e a prática dessa liberdade em bolsões protestantes, como a Holanda calvinista, também contribuíram para tornar o indivíduo livre em suas escolhas e, conseqüentemente, responsável por seu destino. A visão de mundo medieval, estática e determinista, cedeu lugar à visão de mundo dinâmica e progressista, que combinava a escatologia bíblica, centrada na redenção e no futuro, com uma nova apreciação pelo poder dos indivíduos. A vontade de Deus, então, seria a transformação da sociedade, e não a manutenção do *status quo*. Assim, a justiça social passou a ser algo que *deveria* ser praticado, independentemente da posição do rei e das autoridades eclesiásticas. Sob tal influxo, mais tarde, pregadores como John Wesley, o pai do metodismo, viriam a se engajar no combate à injustiça social, em favor dos menos favorecidos e socialmente excluídos.

### **Vocação e trabalho**

As idéias reformadas sobre *vocação* estiveram entre os principais instrumentos para a mobilização social dos cristãos protestantes. A doutrina luterana da vocação elevou o homem comum, dando às suas ocupações ordinárias a dignidade do magistrado e do clérigo. Mas a ênfase original ainda era na permanência de cada cristão em sua vocação. Somente depois, sob a influência da ênfase calvinista na soberania de Deus em todas as áreas da vida, o conceito de vocação sofreu uma modificação crítica:

[...] o calvinista via a sua ocupação como algo por meio do qual poderia exercitar a obediência. *Permanecer em certa função* não é a coisa que deve ser feita em gratidão obediente; antes, *as ações realizadas naquela função* é que devem ser feitas em gratidão obediente.<sup>16</sup>

Cada vocação se tornou, assim, uma esfera de serviço e *reforma*, para a glória de Deus. A dona de casa, o comerciante e o sapateiro

tornaram-se, em suas tarefas, ministros de Deus; o engajamento econômico, político, científico e artístico recebeu novo alento, informado por um ardor verdadeiramente religioso. Mais do que isso, o próprio ordenamento social tornou-se objeto de reflexão e ação transformadora, colocando a história em um firme movimento de reforma social que continua ainda hoje.

O conceito de vocação tornou-se um princípio explosivo quando entrou em contato com a *revalorização do trabalho manual*. A influência grega no pensamento medieval desestimulava a indústria, em razão da sacralização da natureza e do relativo desprezo pela técnica. As atividades religiosas ou puramente intelectuais eram consideradas intrinsecamente superiores. A ruptura com o escolasticismo medieval e com o aristotelismo, num primeiro momento, viabilizou a anulação do contraste entre *natureza* e *arte*, e a influência transformadora da leitura bíblica reintroduziu no cristianismo a avaliação positiva do trabalho manual,<sup>17</sup> descrita por Alister McGrath como “[...] um dos maiores legados do calvinismo à cultura ocidental”.<sup>18</sup>

### **A Reforma e a revolução científica**

A combinação da doutrina da vocação com a valorização do trabalho manual foi a condição necessária para a transformação de outro campo da ação humana: a ciência. Segundo os protestantes, já desde a primeira geração da Reforma, Deus não se revelou apenas pelas Escrituras, mas também pelo “livro da natureza”. Ele não propiciou ao homem apenas o conhecimento de Deus, mas também do universo e da história. Como observa Francis Schaeffer,

[...] muitos dos primeiros cientistas tiveram a mesma perspectiva de Francis Bacon (1561-1626) [cientista influenciado por Calvino], que afirmou, na obra *Novum Organum Scientiarum*, “o homem pela Queda decaiu ao mesmo tempo do estado de inocência e do domínio sobre a natureza. Ambas essas perdas, entretanto, podem ser mesmo nesta vida reparadas em partes; a primeira pela religião e pela fé, a segunda pelas artes e ciências”. Portanto, a ciência como

ciência (e a arte como arte) foi admitida, no melhor sentido, como atividade religiosa.<sup>19</sup>

A arte e a ciência eram vistas pelos protestantes como *vocações* divinas. Assim emergiu, entre eles, um sistema de interpretação da realidade que não apenas desconhecia a dicotomia entre racionalidade e fé, mas que também propunha uma compreensão renovada da razão e da natureza. A valorização do trabalho manual conduziu os estudiosos protestantes das bibliotecas às oficinas mecânicas, às tinturarias e às lavouras e aos jardins, integrando *mente* e *mãos*. Os campeões do novo método científico, baseado na experiência empírica e na doutrina da criação, foram, novamente, os calvinistas. Homens como Isaac Beekman, William Turner, John Wilkins, ou o grande Robert Boyle, articulador da *filosofia natural*, dedicavam-se à ciência com devoção religiosa, como que adorando a Deus no templo da natureza. E combinavam o método empírico, a indução e a sistematização sem romper, em nenhum momento, a ligação entre fé e racionalidade. A partir dessa poderosa combinação, os protestantes se lançaram ardorosamente à ciência.

O impacto desse *furor científico* é visível no desenvolvimento científico inicial dos países europeus. Robert Hooykaas cita, por exemplo, os estudos de A. de Candolle, que mostraram que, entre 1666 e 1883, a maioria dos membros estrangeiros da Académie des Sciences de Paris era protestante (vinte e sete, para cada seis católicos), mesmo sendo a minoria na Europa (quatro para cada seis católicos). Na Inglaterra, a presença do calvinismo na ciência era ainda mais gritante:

[...] entre o grupo de dez cientistas que, durante a Commonwealth, constituíram o núcleo que daria origem à *Royal Society*, sete eram acentuadamente puritanos. Sessenta e dois por cento dos membros da *Royal Society* eram de origem nitidamente puritana, um percentual que se torna mais significativo em razão de constituírem os puritanos uma minoria da população.<sup>20</sup>

É importante ter em mente, nesse ponto, que a Reforma não estimulou apenas o juízo crítico e a curiosidade em compreender a

revelação de Deus pela natureza. A teologia calvinista também forneceu conceitos positivos, *metacientíficos*, que abriram novas possibilidades de investigação científica e de construção teórica. O Dr. Robert Hooykaas, de Utrecht, foi um dos pioneiros na demonstração do impacto da Reforma na constituição da idéia de natureza, de racionalidade e do método científico, sem os quais a revolução científica jamais teria ocorrido.<sup>21</sup>

### EVANGÉLICOS OU *EVANGELICOS*?

Nossa discussão se concentrou em dois momentos do cristianismo: o início da era cristã e a Reforma Protestante. Inegavelmente, a igreja teve outros momentos gloriosos – e os momentos que escolhemos apresentar não estão livres de falhas. Mas eles merecem destaque especial por duas razões: primeiramente, porque foram os dois momentos mais significativos para a tradição evangélica; em segundo lugar, porque foram momentos em que o cristianismo realmente fez diferença; em que ele foi muito mais do que um alívio de fim de semana, mas articulou-se como poder de transformação histórica; situações em que o evangelho foi compreendido em toda a sua eficácia. *Foram momentos verdadeiramente evangélicos.*

Fica, assim, a pergunta: Nós, cristãos da igreja brasileira, somos evangélicos ou *evangelicos*? Todos nos identificamos como evangélicos – *com acento*. Sem o acento, teríamos o mesmo adjetivo em forma diminutiva, com o sufixo – *ico* indicando, não uma derivação, mas uma diminuição. Apesar do tom de brincadeira, o *ponto é crítico* – ou melhor, *o acento!* Ser meramente *evangelico* é seguir um evangelho incompleto; é ser uma reprodução deficitária da fé evangélica. É viver por meio de um evangelho pequeno, inferior, inacabado em sua extensão, truncado, medíocre. É deixar o empenho pelo “reino de Deus”. É trair a herança dos nossos antepassados.

Uma igreja evangélica, *com acento*, deve ser uma igreja que ministra as necessidades integrais do ser humano,<sup>22</sup> em todas as áreas de sua vida, porque “em Cristo Deus reconciliou consigo mesmo todas as

coisas, tanto as que estão nos céus, como as que estão na terra” (Cl 1.16-20). Evidentemente, isso não é nenhuma novidade. Essa foi a mensagem de Irineu de Lion, de Calvino, Wesley e Kuyper. É a mensagem de René Padilla, Samuel Escobar, Lausanne e do movimento da missão integral no Brasil. Mas deveria soar, em nossos ouvidos, como a grande e boa novidade – e sem dúvida ainda é uma absoluta novidade para milhões de evangélicos brasileiros que não têm a menor idéia de como articular a realidade da sua experiência com Deus com as realidades da sociedade contemporânea, e que muitas vezes estão satisfeitos com isso.

Em que medida tem sido transformada e influenciada a sociedade brasileira? Estamos buscando realizar nossa missão de modo integral e completo, ou não? Queremos apenas salvar almas ou discipular as nações? Se quisermos discipular nações, não resta dúvida – temos de começar pelo Brasil. O que importa, aqui, não é se já atingimos a plenitude do que devemos ser; “naturalmente, as páginas da história da igreja têm sido ultrajadas por muitos borrões e manchas. [...] Os cristãos, ainda que redimidos, estão muitas vezes longe de ser perfeitos”.<sup>23</sup> O que importa, antes, *é se queremos ser o que devemos ser.*

Como nos posicionamos diante da injustiça social e da opressão econômica do nosso povo? Diante da corrupção política e da cultura de “levar vantagem em tudo”? Diante da desestruturação da família, da imoralidade e da degradação da educação? Da mediocridade científica do nosso país, em termos de dependência do exterior, devido à ausência de investimento e de seriedade intelectual? Da desvalorização da arte pela sua vulgarização? Da cultura da indisciplina e da irresponsabilidade, que despreza o trabalho? Como nos posicionamos em relação às questões éticas e jurídicas, em torno da pesquisa biológica e médica? Estamos nos empenhando para que essas questões sejam tratadas de acordo com a vontade do rei Jesus?

Conforme muitos observaram, algo “de grande importância na sociedade brasileira atual é o crescimento do número de evangélicos. De acordo com o censo 2000 do IBGE, a população evangélica cresceu 70,7% de 1991 para 2000, passando de 9,05% da população

total do país para 15,4%”.<sup>24</sup> Como os novos evangélicos têm interagido com todas essas questões? E como a *liderança eclesial* tem formado esses novos crentes? Um impacto transformador da igreja evangélica é possível. Mas para que isso aconteça será preciso *reapresentar o evangelho aos evangélicos*; será preciso *uma missão interna*, destinada a pôr em questão o conteúdo da nossa pregação e a compreensão que temos da tarefa da igreja no mundo. O evangelho do consolo e da paz interior, sem as doutrinas bíblicas da criação, do homem e da queda assemelha-se mais a uma religiosidade de escape, apropriada ao hedonismo da sociedade contemporânea, incapaz de conceber algo mais elevado que o entretenimento, o conforto e o prazer.

*Se a igreja não discipular a sociedade, será discipulada por ela.* Isso se torna ainda mais dramático agora, com os evangélicos brasileiros vivendo franca ascensão social e se expondo à necessidade de se posicionarem em campos tão diversos como a política, a ciência, a mídia, a arte, a moral sexual e a educação. Chegamos a esse ponto de influência cultural sem ter propostas maduras, mas não podemos tomar decisões sem adotar alguma proposta ou princípio de orientação.

Três caminhos são possíveis: recuar para o velho isolamento, fazer um “acordão” em nome da relevância, ou avançar com propostas genuinamente evangélicas. Mas onde estão essas propostas? Parte de nossos seminários teológicos tem introduzido “soluções” que reproduzem modelos secularizados de pensamento e de ação social, com pouquíssimo senso crítico, mas sempre em nome da “relevância”. Sofremos, então, a pressão externa, da sociedade, e a pressão interna, de verdadeiros “cavalos de Tróia” teológicos. Ora, essa é a receita certa para a secularização. Afinal, *já vimos esse filme antes...*

Só Deus pode mudar o quadro, e ninguém mais, porque “Deus é quem efetua em nós o querer e o realizar”. Mas isso não nos exime de “desenvolver a nossa salvação com temor e tremor”. Precisamos, então, voltar às fontes da fé evangélica, para recuperar aquilo que somos; precisamos buscar na história até encontrar os exemplos daquela forma de cristianismo que precisamos aprender. Como

bem disse Abraham Kuyper, não podemos *inventar* o cristianismo verdadeiro, nem podemos *construir artificialmente* um evangelho transformador; só *podemos tomá-lo da história, porque ele já foi inventado por Deus*. E que Deus mesmo nos guarde de continuarmos sendo meros *evangelicos* – sem acento.



**Cláudio Antônio Cardoso Leite** é bacharel e licenciado em ciências sociais e mestre em sociologia, com estudos sobre cosmovisão cristã na L'Abri Fellowship da Inglaterra. É professor universitário, membro pesquisador do Centro de Estudos da Religião "Pierre Sanchis", na UFMG, e vice-presidente da Associação Kuyper de Estudos Transdisciplinares.

**Fernando Antônio Cardoso Leite** é especialista em história da arte e da cultura pela UFMG. É professor de história na rede pública de ensino de Minas Gerais e membro-fundador da Associação Kuyper de Estudos Transdisciplinares e do Grupo Pró-L'Abri Brasil.